

Cartas dos Leitores

Funai

Sr. Redator.

O *Jornal de Brasília* tem dado espaço às fantasiosas e irresponsáveis matérias assinadas pela jornalista Luzia Amélia Moreira Sceil que se esconde sob o pseudônimo de Memélia Moreira. Em sua edição de hoje -- dia 14.02.1986 -- o *Jornal de Brasília*, pág. 5, traz matéria assinada pela pessoa em questão sob o título "Apoena sai dizendo que a Funai é inviável". Mais uma vez, a repórter deste jornal forneceu informações falsas, descabidas, irreais e comprometedoras colocando em risco o elevado nível das demais informações levadas ao público diariamente pelo *Jornal de Brasília*.

A matéria -- se é que assim pode ser qualificada -- envolve num emaranhado de acusações vários funcionários da Fundação Nacional do Índio, alguns exercendo cargos de confiança. Francisco Moreira da Cruz (superintendente da Funai), José Carlos Alves (diretor da Diretoria de Assistência ao Índio), Olga Novion (assessora-chefe da Assessoria de Estudos e Pesquisas) e Laércio Cruz de Alcântara (diretor da Diretoria de Administração) são pessoas citadas na matéria e acusadas pela articulista que usa, uma vez mais, expedientes pouco recomendáveis para fazer acusações.

Na verdade, tudo o que Memélia Moreira disse sobre os meus assessores não tem a menor procedência. É fruto de uma mente doentia e de interesses contrariados. Essa repórter não defende a causa indígena mas a manutenção de empregos para seus amigos. Deles, aliás, é a articulista porta-voz usando as páginas do *Jornal de Brasília* para ataques gratuitos e mentirosos. Esses grupos que ela tanto defende nunca fizeram nada pela causa indígena tendo nos índios apenas um meio de sobrevivência.

Dentro desse contexto, ela é uma legítima informante de grupos que nada fizeram pela causa indígena. Foi assim que no dia 23 de agosto de 1986 o então presidente da Funai, Jurandy Marcos da Fonseca, assinou portaria n° 670 nomeando Luzia Amélia Moreira Sceil -- Memélia Moreira -- para exercer a Função de Confiança de Assessora I da presidência da Fundação Nacional do Índio onde, aliás, há farta documentação sobre o trabalho dessa profissional.

Coincidência ou não, no período em que a repórter trabalhou na Funai a repartição teve dela o melhor tratamento possível no jornal onde labutava. No entanto, após ter sido demitida, passou a adotar um comportamento que, se de um lado compromete o nível de informação da imprensa, de outro revela o verdadeiro caráter de quem assina as matérias fantasiosas, repletas de inverdades.

Memélia, sempre usando as páginas do *Jornal de Brasília*, acusa a atual administração da Funai de revanchista. O que não é verdade. Se revanchista fosse, a Administração teria demitido dos quadros da Funai Maria Gorete Moreira que vem a ser irmã de Memélia. As duas, valendo-se da amizade com ex-dirigentes da repartição, conseguiram -- sabe-se lá como -- emprego público.

Demitida pelo ex-presidente Nelson Marabuto, não conseguindo retornar aos quadros da Funai, Memélia passou a atacar todos os presidentes ao mesmo tempo em que defende os "grandes indigenistas" com os quais trabalhou, na administração para a qual foi contratada. Curiosamente, os nomes que aparecem nas matérias assinadas por ela são das mesmas pessoas que com Memélia trabalharam na Funai. Hoje, no que depender da repórter, elas podem vir a presidir o órgão.

E de se estranhar -- entre outros fatores, -- a falta de isenção profissional.

Não resta dúvida que ela não se preocupa com os índios brasileiros porque há outros interesses superiores em questão transpondo até as fronteiras internacionais. E de se lastimar que a repórter não ofereça nenhuma contribuição para a causa indígena. Lamentável também que o *Jornal de Brasília* dê espaço para ataques pessoais esquecendo o interesse maior que vem a ser a defesa dos reais interesses dos povos indígenas.

Senhor Redator: ficarei grato se esta carta for publicada no *Jornal de Brasília* sem que se use a Lei de Imprensa. Primeiro porque a sua publicação visa a defesa da honra das pessoas injustamente atacadas. E segundo porque a carta em si serve para revelar as razões pelas quais Memélia Moreira vem sistematicamente atacando assessores da Funai, José Apoena Soares Meirelles, Presidente da Funai.

N da R.: A repórter Memélia Moreira contesta as acusações de que usa o jornal para empreguismo. Em junho de 84, foi convidada pelo então presidente da Funai, Jurandy Marcos da Fonseca para assumir primeiro a assessoria de imprensa do órgão e depois a delegacia de Belém. Recusou as duas propostas. Em seguida, o mesmo Presidente convidou a repórter para assumir o "Projeto Memória", com o objetivo de entrevistar todos os velhos líderes indígenas e sertanistas, que pudessem contribuir para manter a memória indígena. O convite foi aceito e a repórter fez os seguintes trabalhos: entrevista dos caciques Arutana (karajá), João Príncipe (kadiwéu), sertanista Nilo Veloso, além do trabalho de identificação da área da ilha de Santa Isabel, no baixo Araguaia, onde há pinturas rupestres dos karajás, visitadas há mais de um século por viajantes europeus.

No final de um mês de trabalho, a repórter concluiu que suas atividades no jornal eram incompatíveis com o projeto Memória Indígena. Na ocasião, assumiu a presidência da Funai, Nelson Marabuto. A repórter pediu então ao novo Presidente o seu afastamento do projeto, alegando a incompatibilidade das atividades. Nelson Marabuto atendeu o pedido e, também a pedido da repórter escreveu uma carta explicando a passagem da repórter pela Funai.